



» Entrevista | **RENAN SANTOS** | PRÉ-CANDIDATO À PRESIDÊNCIA PELO MISSÃO

“A briga é se vão com a candidatura de Flávio”

Representante do Movimento Brasil Livre acredita que, mesmo se for derrotado por Lula, objetivo do clã Bolsonaro é continuar liderando o espectro da direita

» MARIANA NIEDERAUER
» ADRIANA BERNARDES
» CAETANO YAMAMOTO*

A família Bolsonaro passou a ter sua liderança contestada no espectro político da direita desde que vieram à tona os áudios que ligam o pré-candidato à Presidência Flávio Bolsonaro ao ex-banqueiro Daniel Vercara, dono do extinto Banco Master. A avaliação é de Renan Santos, pré-candidato do Missão à Presidência da República. Nesta entrevista às jornalistas Mariana Niederauer e Adriana Bernardes, em mais uma edição do CB.Poder Especial — uma parceria entre Correio e TV Brasília — com os postulantes ao Palácio do Planalto, considera que a situação do filho 01 se complicou. Segundo Renan, o desgaste de Flávio beneficiou-o com o eleitorado jovem. Também fala sobre escala 6 x 1, empreendedorismo, programas sociais e crescimento do país. Leia os principais trechos a seguir.

Davi Pereira CB/DA Press



A família Bolsonaro só existe politicamente se continuar participando de eleições. O objetivo da candidatura do Flávio este ano era manter a liderança sobre o bloco, mesmo se perdesse para o Lula. Entretanto, isso tem limites”

O senhor considera que o senador Flávio Bolsonaro se sustenta como candidato à Presidência depois dos áudios enviados ao ex-banqueiro Daniel Vercara?

A família Bolsonaro só existe politicamente se continuar participando de eleições. O objetivo da candidatura do Flávio este ano era manter a liderança sobre o bloco, mesmo se perdesse para o (presidente) Lula. Entretanto, isso tem limites. A briga ali dentro do PL, e dentro do próprio bolsonarismo, é se vão até o fim com uma candidatura que, hoje, eles têm certeza de derrota — mas, ainda assim, mantêm uma liderança sobre aquilo que a gente chama de antipetismo — ou se desiste de vez, o que seria, do ponto de vista político, o fim da família como uma marca política poderosa. É esse o dilema. O tamanho do escândalo não imagino que ele se importe tanto. Ele só se importa com o tamanho do dano. A gente precisa entender: nem todo antipetista é bolsonarista, mas todo bolsonarista é antipetista. Uma parte que realmente defende os Bolsonaros sob qualquer circunstância vai ficar com eles até debaixo d'água. O eleitor antipetista mais urbano, mais jovem, já falou: “Isso é demais para mim. Não dá para transigir com isso”.

A pesquisa Atlas mostrou que sua candidatura ganha num cenário sem Flávio Bolsonaro.

Não ganhei tanto quanto as pessoas imaginam. Estava apresentando um crescimento consistente na Atlas porque era o mais desconhecido. Faço uma conversão eleitoral. O que é uma conversão? Uma coisa é: “não há o Flávio, vou no Zema”; “não há o Flávio, vou no Caiado”. Outra é: “acredito no projeto desse cara”. Estou fazendo isso. Tanto que há uma outra pesquisa que mostra que viro eleitores do Lula, que votaram nele na última eleição, e eleitores dos Bolsonaros. É um modelo diferente, é um convencimento de tese. Um líder não pode ficar seguindo o caminho de outro no sentido de que havia uma fila de pessoas seguindo os Bolsonaros. Eles seguem um caminho apontado pelo Bolsonaro, aguardando o erro deles. Tenho que apontar o meu caminho. Por isso, quando precisava apontar os erros do Bolsonaro, aponte.

Qual é a política para governar um país que está envelhecendo rápido?

Estamos falando especialmente de SUS. Se eu falar em atendimento às pessoas mais velhas, estou

falando de um país que tem um Sistema Único de Saúde que é alvo de críticas. Eu mesmo criticava o SUS pelo elemento centralizado dele. Mas, hoje com a inteligência artificial, sistemas de saúde centralizados levam grande vantagem sobre os descentralizados. Para isso, a gente precisa colocar prontuário único e outros instrumentos que vão pegar todas as visitas que uma pessoa fez numa UPA, numa UBS, exames, ocorrências que essa pessoa teve. Tem uma capacidade preditiva para permitir que o sistema saiba que essa pessoa vai desenvolver diabetes, uma doença coronária, um câncer. Logo, faço as políticas preventivas. A China está indo por esse caminho, a Inglaterra, El Salvador e vamos usar a inteligência artificial a nosso favor, que atinge as pessoas mais velhas. O Brasil, conforme vai envelhecendo, vai diminuir os gastos em educação e aumentar os gastos em saúde. É a lógica dos países que envelhecem.

Qual é a proposta do senhor para combater a violência contra a mulher?

Quando rodo o Brasil, pergunto a preocupação das mulheres, especialmente as mais humildes, que estão num estado de vulnerabilidade maior. Há um surto de violência contra a mulher. As redes sociais permitem que esses casos se tornem públicos. Precisamos dar lei e ordem, penas muito duras e não apenas com relação à violência específica.

Como o senhor explica que, apesar de ter aumentado a pena, os feminicídios continuam crescendo?

Hoje tem uma métrica que não existia. Estamos trazendo luz para isso. Vou trabalhar com aumento de penas. Não vou trabalhar com critérios subjetivos, como aconteceu agora. Uma discussão que pode ser tratada como misoginia é equiparada à injúria racial. Não vou trabalhar nesses termos porque traz uma subjetividade que não é boa nem para a relação homem-mulher.

É contra a criminalização da lei da misoginia?

Sou profundamente contra essa lei. Quero aumento de penas e quero lei e ordem.

Qual a sua opinião sobre programas sociais, como Bolsa Família, Farmácia Popular, Auxílio Gás...

A diferença entre o remédio e o veneno é a dose. Acredito que temos que ter políticas de assistência para pessoas em situação de vulnerabilidade e em locais onde não há atividade econômica. A partir do momento que a gente percebe que mais de 40% dos domicílios na Região Nordeste estão no Bolsa Família, a gente percebe que o remédio começou a virar veneno. Quero um geração de frentes de trabalho nos municípios que têm baixa infraestrutura e que têm pessoas no Bolsa Família. Precisamos recriar nas pessoas a sensação e a ideia de que o trabalho as libertará de um modelo político, hoje, que é o modelo de exploração. Isso terá um efeito muito grande na vida das pessoas e na autoestima das pessoas.

Qual a sua avaliação sobre o fim da escala 6 x 1?

A proposta do governo federal é irresponsável. O Brasil é um país que perde espaço nas cadeias globais de produção. A gente está falando de ter emprego de qualidade. Pequenos serviços não vão ter condição de arcar com isso. O governo não está se importando, especialmente hoje numa trajetória de aumento de impostos sobre os negócios. Precisamos flexibilizar o mercado de trabalho e aumentar a agenda de competitividade do Brasil.

O que o senhor chama de flexibilizar o mercado?

As pessoas têm que ser mais autônomas para fazer contratações, demissões e as relações de trabalho entre as partes.

E para quem não é sindicalizado? Estamos vivendo um cenário de enfraquecimento dos sindicatos, aprofundado pelo governo Bolsonaro.

Prefiro um enfraquecimento do sindicato do que enfraquecimento do emprego.

O senhor defende o fim da CLT?

Gostaria de chegar no horizonte em que a CLT perca totalmente a função, porque é um modelo de contratação dos anos 1940, que já não existe mais. Hoje as pessoas constroem suas carreiras em

múltiplas empresas. Muitas pessoas se tornam empreendedores.

Como o senhor acredita que a massa da população, que não tem informação sobre a tecnologia, vai conseguir gerir a própria carreira e ter sucesso?

Uma pessoa mais pobre, mesmo sem informação, não é um imbecil. Toma decisões econômicas adequadas à realidade dela para ter o autossustento. Uma pessoa que é entregador, que vende produtos on-line e com baixíssima formação, tira R\$ 6 mil, R\$ 8 mil por mês. Estou falando do pessoal da periferia de São Paulo, do meu eleitor — que é o jovem. Esse jovem aprendeu a navegar nesse mundo. Primeiro: ele não é um imbecil completo, é capaz de se defender. Segundo: isso não é tão complexo assim. E, terceiro, que os países que concorrem conosco têm regimes flexíveis.

Houve uma mudança, há cerca de 40 anos, de redução da jornada de trabalho. E o país continuou se desenvolvendo.

Não continuou.

O senhor, como pré-candidato, está a par dos números e dos índices de desenvolvimento do país. O país cresceu muito, hoje é um expoente na América do Sul e é um expoente no mundo.

Não é.

Por que o senhor acha que a redução da escala 6 x 1 vai trazer um retrocesso?

Produtividade é a quantidade de dinheiro que uma pessoa faz por hora de trabalho. O Brasil está estagnado. Nos últimos 40 anos.

Mas não estamos falando em produtividade, estamos falando em movimentação da economia, em geração de emprego, melhoria da qualidade de vida, inclusão, em retirada do país do mapa da fome.

Produtividade significa a quantidade de recursos gerados por hora por uma pessoa que trabalha. Isso está ligado ao aumento de riqueza. O papel do Brasil perante o resto do mundo diminuiu, esse é um problema.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

NAS ENTRELINHAS

Por Carlos Alexandre de Souza

carlosalexandre.df@dabr.com.br



Quando o crime comanda um reality show

Uma operação do Ministério Público e da Polícia Civil de São Paulo trouxe à tona um novo capítulo sobre o avanço do crime organizado no Brasil. Desta vez, uma celebridade da internet entrou na mira dos investigadores: a influenciadora e advogada Deolane Bezerra. Com 21 milhões de seguidores, ela foi presa em um condomínio de luxo em Barueri, na região metropolitana da capital paulista. Ex-participante de reality show e conhecida pelo estilo polêmico, Deolane voltou ao noticiário por causa de uma suspeita grave: facilitar a lavagem de dinheiro do Primeiro Comando da Capital (PCC).

Os investigadores da Operação Vêrnix afirmam haver indícios de que contas bancárias ligadas a Deolane foram abastecidas com dinheiro do crime organizado, por intermédio de uma transportadora. As transações obedeciam ao modus operandi das facções no Brasil: promover a interseção de dinheiro lícito com recursos provenientes do crime. A Operação Vêrnix também identificou um estratagema já conhecido das autoridades: realizar diversas movimentações financeiras para dificultar o rastreamento do dinheiro.

Não é a primeira vez que Deolane vai para a prisão. Em 2024, ela foi presa no Recife, por suspeita de associação com apostas eletrônicas. Após algumas semanas, recebeu o benefício de um habeas corpus. A polícia, no entanto, prosseguiu com as investigações sobre as atividades da influenciadora. Chamou a atenção, ainda, a proximidade que ela mantinha com integrantes do PCC, inclusive com membros da cúpula da organização, como Alejandro Camacho. Ele é irmão de Marcos Camacho, o Marcola, líder do PCC que cumpre pena no presídio de segurança máxima em Brasília.

O envolvimento de uma personalidade da internet e da televisão com atividades ilícitas é o mais recente capítulo do grau de infiltração do crime organizado na sociedade brasileira. É sinal do poder das facções em diversos segmentos, com ramificações em atividades econômicas, sociais e políticas. A diversificação das atividades é uma maneira de dificultar a ação policial, tornando mais complexo o desafio do poder público.

Carbono Oculto

Um marco no enfrentamento às facções criminosas ocorreu em agosto do ano passado. A Operação Carbono Oculto trouxe à luz a extensa cadeia de negócios, lícitos e ilícitos, mantida pelo PCC no setor de combustíveis. Segundo os cálculos dos investigadores, o esquema movimentou mais de R\$ 70 bilhões em quatro anos. A rede criminosa atuava em mil postos de combustíveis e mantinha operações no centro financeiro do país, a notória Faria Lima. Apenas uma fintech envolvida no esquema transacionou R\$ 42 bilhões de 2020 a 2024.

A extensão do crime organizado no Brasil tem se tornado, ao longo das décadas, um desafio cada vez mais complexo para o poder público. Recentemente, o presidente Lula sancionou um conjunto de medidas de enfrentamento às facções. A poucos meses da eleição, trata-se de uma tentativa de mostrar ao eleitor que os gabinetes da Esplanada e os salões da República estão mobilizados para reduzir o martírio dos brasileiros que vivem sob o jugo de quadrilhas, seja nas metrópoles, seja nas regiões dominadas pelo novo cangaço.

No debate polarizado sobre a segurança pública, o governo busca convencer o eleitor de que a melhor maneira de combater facções criminosas é por meio de investimentos em ações de inteligência. A Operação Carbono Oculto seria um exemplo bem-sucedido dessa estratégia, inclusive com o intuito de alcançar “o andar de cima” do crime organizado.

No campo da direita, permanece a retórica do enfrentamento direto aos grupos organizados e ampliação de penas contra envolvidos com facções criminosas. Em termos práticos, continua na memória do eleitor a brutal Operação Contenção, realizada em outubro do ano passado no Rio de Janeiro, com um saldo de mais de 120 mortos. Passados meses da ação policial, as forças de segurança fluminenses estão no embate para romper a relação entre grupos criminosos e agentes políticos, como se vê na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

Independente do resultado das urnas, os eleitos terão de se preparar para enfrentar o reality show comandado por facções criminosas. O cenário é preocupante.

O ENVOLVIMENTO DE UMA PERSONALIDADE DA INTERNET E DA TELEVISÃO COM ATIVIDADES ILÍCITAS É O MAIS RECENTE CAPÍTULO DO GRAU DE INFILTRAÇÃO DO CRIME ORGANIZADO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. É SINAL DO PODER DAS FACÇÕES EM DIVERSOS SEGMENTOS